



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17098 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 13 - Educação Fundamental

**CORPO-TERRITÓRIO, DANÇA E RESISTÊNCIAS: PEDAGOGICIZANDO A ESCOLA NA/DA ENCRUZILHADA**  
 Igor de Souza Rodrigues Rezende - Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA  
 Marcelo Paraiso Alves - IFRJ - Instituto Federal do Rio de Janeiro

**CORPO-TERRITÓRIO, DANÇA E RESISTÊNCIAS: PEDAGOGICIZANDO A ESCOLA NA/DA ENCRUZILHADA**

## 1 Introdução

O presente trabalho é fruto da dissertação de mestrado que privilegia os debates acerca do corpo-território e suas interfaces com a Dança, tendo como centralidade a presença do corpo-território (Miranda, 2020).

A relevância deste estudo emerge das formas de preconceitos e discriminações oriundas do racismo estrutural, promovendo epistemicídios, apagamentos, gerando subalternidades ao privilegiar o domínio de determinados sistemas simbólicos e materiais dos sujeitos eurocentrados, o que denominamos de colonialidade do poder (Santos, 2020).

Desse modo, a situação-problema do estudo surge a partir da seguinte questão: A dança possui potencial para o enfrentamento do pensamento abissal e para a intervenção nos currículos de Educação Física escolar na rede municipal de ensino investigada?

Diante do exposto, o estudo objetivou discutir o modo como a dança se apresenta como um movimento insurgente para o enfrentamento do pensamento abissal influenciando na produção do currículo da Educação Física Escolar do município de Volta Redonda – RJ.

## 2 Percurso Metodológico

A presente pesquisa se aproxima dos estudos nos/dos/com os cotidianos e da noção de currículo como criação cotidiana (Oliveira, 2012), visto que prioriza os “acontecimentos escolares cotidianos invisíveis aos métodos quantitativos tradicionais da pesquisa e à busca de modelos e explicações das práticas por meio de generalizações dos *fazeressaberes* plurais, móveis e diferenciados” (Oliveira, 2012, p. 15).

Ao mergulhar no cotidiano escolar da rede municipal de Volta Redonda, utilizamos a rede de conversações, visto que a concebemos neste estudo como espaço de dialogia e compartilhamento.

A esse respeito, Carvalho (2009) chama a atenção para o fato de que as conversações propiciam a constituição de uma rede, pois diversos discursos que dela emergem estão enredados em textos, imagens, sons, vídeos, encontros, experiências, histórias de vida, dentre outros. Cabe frisar que, por ser uma pesquisa que trabalha com seres humanos, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética e aprovado com o número CAAE: 58822621.3.0000.5237. Do mesmo modo, ressaltamos que, ao fazer um recorte da dissertação, optamos por trazer apenas as conversas com três professoras que participaram do estudo. Assim, optamos por manter em sigilo a identidade das docentes, por isso, o uso apenas das iniciais de seus nomes.

## 3 Corpo-Território, Dança e Encruzilhadas

No estudo, o corpo-território é concebido para além de sua materialidade, sendo ele constantemente cruzado, porque, ao estabelecer tessituras que ultrapassam a sua localidade, transita pelas vias da cidade e “assume outras leituras e se depara com a variedade de atravessamentos sociais” (Miranda, 2020, p. 33).

Isto posto, salientamos que o corpo-território pode se deparar tanto com o seu encarceramento, ao privilegiar apenas o viés cognitivo, como também estabelecer movimentos insurgentes ao se contrapor às manifestações da racionalidade monocultural e linear, características das epistemologias do norte (Santos, 2020).

Assim, a professora A. narra o modo como realiza o enfrentamento à racionalidade moderna e, respectivamente, ao pensamento colonial:

**(...) Porque existe um preconceito muito grande..** os alunos, eles têm a tendência muito de confundir as coisas. [...] eu converso antes, explico: gente, vocês vão escutar o tambor, lá... o atabaque, mas é maculelê e eu não estou incentivando ninguém aqui a ir pra religião de matriz afro. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, mas eles têm um ponto em comum que é a origem deles e tem o instrumento que é compartilhado, mas são coisas distintas. **Só que trabalhar isso é trabalho de**

**formiguinha, não é do dia pra noite que se quebra isso no aluno, não. É exaustivo, mas...** (Narrativas professora A. – 09/03/2023, grifos do autor).

Assim como A., a professora Ay., ao trabalhar as questões afrodiáspóricas nas escolas por meio da dança, compartilha as formas de resistência e atravessamento dos corpos-territórios, tanto por parte de estudantes como por olhares desconfiados da comunidade escolar:

Ano passado mesmo, eu trouxe, pra fazer com eles na dança, o maculelê... aí fui procurar as músicas pra poder botar pra tocar, montei uma coreografia bem simples pra montar com eles (...). A gente não sabe o que passa na cabeça dos responsáveis, até que ponto eles estão abertos ou não pra alguma modificação. Mas eu fui com medo mesmo e fui tentando. Eu conversei com os alunos, quando eu trabalhei o maculelê eu contei a história do maculelê e entrei no contexto com eles para eles poderem entender. De início eles tiveram um bloqueio para começar as atividades, depois eu expliquei pra eles que eu também me esforcei e aí eles foram aderindo até que praticamente todos eles foram. Todas as turmas de 4º e 5º ano participaram das aulas sem nenhum problema. (...) É muito difícil, porque eu estava com a música aqui tocando, e aí a gente não tem o bastãozinho né, aí eu fui fazendo palmas com eles (...) (Narrativas professora Ay. – 10/03/2023, grifos do autor).

As narrativas revelam indícios (Ginzburg, 1989) do preconceito encontrado pelas professoras no confronto com o racismo estrutural que emerge nos detalhes das práticas educativas. Tais evidências são como pistas do imaginário colonial moderno (Mignolo, 2003) e, respectivamente, do pensamento abissal (Santos, 2020). Para Santos, o pensamento abissal age de modo insidioso, porque é sutil e se faz presente “(...) nas ruas como nas casas, nas prisões e nas universidades como nos supermercados e nos batalhões de polícia” (Santos, 2018, p. 2).

Do mesmo modo, consideramos que as narrativas apresentam pistas de como as docentes estabelecem atravessamentos na ordem dominante, caminhando na direção de práticas de enfrentamento ao racismo estrutural.

Ao nos deparar com as narrativas, recordamos Miranda (2020) que, ao buscar referenciais afrocentrados para o desenvolvimento de corpos-territórios, antirracistas e plurais, traz, na cosmologia dos orixás, referenciais ontológicos, epistêmicos e filosóficos.

Parece-nos que as práticas supramencionadas revelam o confronto ao pensamento abissal. A esse respeito, Miranda (2020) nos ajuda a confrontar a noção de hermenêutica nos apresentando um modo interpretativo compatível com as epistemologias pós-abissais, que o autor concebe como: *exunêutica*. Uma lógica que se baseia nos princípios de Exu para problematizar e pensar a realidade.

Partindo desse entendimento, consideramos que a *exunêutica* opera de modo a problematizar a racionalidade que opera a partir do rigor científico acionando os princípios interpretativos dos “valores e saberes africanos e afro-brasileiros, mas que em momento

algum deve renegar as contribuições postuladas por tantas outras formas de experiências e cosmovisões” (Miranda, 2021, p. 97-98). Para o autor, já que Exu estabelece e valoriza o cruzamento e as transformações (encruzilhada), os encontros entre a valorização do saber plural favorecem a construção dos saberes.

**Palavras-chave:** Anos Iniciais; Currículo; Cotidiano; Educação Física; Dança.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Janete Magalhães. O currículo como comunidade de afetos/afecções. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 27, p. 13 p. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24253>. Acesso em: 8 abr. 2024.

GUINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. *Corpo-território e educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*. Salvador: EDUFBA, 2020.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. *O currículo como criação cotidiana*. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.